

CIÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA

A 45ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), que se realiza de 11-16 de julho/93 nas dependências da Universidade Federal de Pernambuco/Recife, propõe como tema central de seus debates a relação entre a “ciência e a qualidade de vida”. Sob o aspecto filosófico torna-se um tanto difícil harmonizar conceitos categoriais tão diversos como ciência e qualidade de vida. A ciência busca enunciar leis objetivas, certas e duradouras inerentes à natureza dos seres, enquanto “qualidade de vida” é um conceito, sob muitos aspectos, subjetivo, histórico e cultural, baseado em expectativas pessoais ou de grupos.

Os organizadores da Reunião da SBPC de julho/93, ao se decidirem por uma relação entre ciência e qualidade de vida, certamente foram motivados por vivências e sensibilidade pessoais que no dia-a-dia os confrontam com a falta de qualidade de vida de grande parte da população brasileira. Neste sentido, ao trazerem neste ano o congresso máximo da sociedade científica brasileira para o Nordeste, mostraram que não são indiferentes à realidade que os cerca fora dos laboratórios. Mas será possível aos cientistas tomarem como horizonte de suas pesquisas a qualidade de vida? Como seria, na imaginação dos cientistas, uma vida com qualidade? É difícil saber. Por isto, certamente, os cientistas da SBPC alimentarão acalorados debates na tentativa de esclarecer em que consiste uma orientação da ciência para a qualidade de vida. Um debate destes, de cunho estritamente filosófico, será muito frutuoso aos cientistas, pois lhes permitirá uma discussão sobre o sentido de tudo o que estão fazendo. É difícil que os cientistas cheguem a um acordo sobre os atributos necessários à vida para que ela seja de qualidade. Que vida está em questão? A vida presente, ou a vida das gerações futuras? O padrão de vida do 1º mundo, ou a vida dos marginalizados do 3º mundo? A expectativa de vida dos ricos, ou a satisfação das necessidades básicas da vida dos pobres e miseráveis? Não tenho a impressão que os cientistas estejam dispostos a fazerem uma opção preferencial pelos pobres.

O tema central da 45ª Reunião Anual da SBPC, como se pode reparar, contém um potencial político e ideológico elevado

para alimentar debates. O que, evidentemente, é positivo, e promete animar bastante o encontro de julho na UFPE. Como já propus antes, o conceito “qualidade de vida” tem forte carga subjetiva. Por isto, em se tratando de articular a ciência em função da qualidade de vida, é preciso que os cientistas dialoguem com seus “patrões”: os políticos e os empresários. Será que os donos do poder econômico, que pagam a ciência, também possuem interesses humanísticos, buscando democraticamente orientar os seus negócios no sentido de melhorar a qualidade de vida da maioria do povo? E os políticos, qual a ciência que procuram favorecer? A que permite desenvolver projetos faraônicos e sofisticados ou a que é capaz de resolver os problemas básicos duma sobrevivência digna? Tudo isto exige opções, onde entram muitos interesses. Se os cientistas realmente se dedicarem por um humanismo científico, terão que lutar por práticas de apoio científico, orientadas realmente para projetos que favoreçam a melhoria da qualidade de vida. E isto não será fácil, pois antes é preciso definir quais os atributos de uma vida com qualidade. Por enquanto não há uma definição da SBPC sobre os atributos necessários à vida para que ela seja de qualidade. Os debates de julho, certamente, oferecerão subsídios valiosos para entendermos como a ciência e os cientistas-humanistas do Brasil pretendem orientar suas pesquisas em função da qualidade de vida.

Inácio Strieder
Editor